

16

Dei gratia Petrus Stephanus de
S. Petri de Reg. sub archiep. de
Lindiswarne

N 8



ORAÇÃO FUNEBRE

DO

MUITO ALTO E MUITO PODEROSO SENHOR

DOM PEDRO

D'ALCANTARA DE BRAGANÇA E BOURBON

IMPERADOR DO BRASIL,

REI DE PORTUGAL, E DUQUE DE BRAGANÇA.

RECITADA

NA IGREJA DE SÃO VICENTE DE FORA A 24 DE SETEMBRO DE 1835, PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA INFAUSTA MORTE DAQUELLE AUGUSTO PRINCIPE, NAS MAGNIFICAS E POMPOSAS EXEQUIAS, QUE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA A SENHORA DONA MARIA II MANDOU ALI FAZER.

POR

D. MARCOS ARCEBISPO ELEITO DE LACEDEMONIA,

PREGADOR DA AUGUSTA PESSOA DA RAINHA.



LISBOA,

NA IMPRENSA NACIONAL.

1835.

*Consumatus in brevi explevit tempora multa: Placita
enim erat Deo Anima illius: Propter Hoc properavit
educere illum de medio iniquitatum.*

SAP. C. IV. ŷ. 13.

DEDICATORIA
Á
NAÇÃO PORTUGUEZA.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

A HEROICA Vida e os Feitos Illustres do Libertador dos Portuguezes pertencem á Nação Portuguesa.

Os Tyrannos dos Povos esmagaram no anno de 1823 debaixo do peso das armas a Liberdade da Peninsula, e ensuberebecidos por esta iniquidade disseram ás Nações = *Vossa emancipação vos provirá dos Thronos.* Disseram tambem entre si = *Nenhum de nós dará Liberdade ao Povo.*

PEDRO o Grande de Portugal, quando Nosso Soberano, Principe Filosofo, amigo dos homens, incapaz de doblez ou traição Libertou os Portuguezes por um Acto espontaneo de Sua Vontade. Por isso contra Elle e contra a Nação emancipada se conspiram todos os poderes da Terra. A Liberdade caiu na nossa Patria á força de baixos enganões, infames traições. A Excelsa Rainha Dona MARIA II. foi roubada do seu Throno.

O Heroe Portuguez vendo offendida a Sua Honra, escrava a Nação, Abdica a Co-

^{A 2}

*e tendo abdicado. M. ercio
p. e' mais bem entendido, pois o
negocio de Portugal nao foy por
certo a causa da abdicacao*

1800
Faculdade de Filosofia
Cursos e Livros
Biblioteca Central

rôa do Imperio do Brasil, desembainha a Espada, Vem a Portugal, Restitue o Throno a Sua Augusta Filha e a Liberdade á Nação.

E' pois á Nação Portugueza que eu consagro e dedico a Oração Funebre que recitei em honra do Heroe. Eu não posso pagar outro tributo mais á Memoria do Principe Libertador, senão chorar com os meus Conciudadãos sobre os degrãos do Tumulo do mais digno dos Homens.

Que a Illustre Nação a que tenho a honra de pertencer, desculpando as faltas da Oração, acceite e acolha benigna a offerta e bons desejos do Orador, sobejamente ficará recompensado e agradecido

O Cidadão Portuguez

Marcos Arcebispo Eleito de Lacedemonia.

Marcos Arcebispo Eleito de Lacedemonia.

ORAÇÃO FUNEBRE

DE

SUA Magestade Imperial

O SENHOR DUQUE DE BRAGANÇA.

Vidisti eam oculis tuis, et non transibis ad illam
Mortuusque est ibi Fleveruntque eum omnes filii
Israel. Deuth. Cap. xxxiv. ŷŷ. 4 5 e 8.

Viram teus olhos livre a Patria, que tuas mãos salvaram,
Mas tu não gozarás n'ella as delicias da liberdade
Morreu alli . . . e todo o Povo com grande pranto o chorou

Assim terminou sua existencia o Illustre Libertador dos Hebreus; assim acabou seus dias preciosos o Augusto Libertador dos Portuguezes. Destinados ambos a libertar seus respectivos povos, encheram dignamente a nobre Missão, que lhes fôra confiada, sem que obstaculo algum, por mais forte que fosse, ou por invencivel que parecesse ser, podesse dete-los em sua brilhante e gloriosa carreira. O primeiro quebra as ferreas algemas com que o Tyranno do Egypto manietára a familia de Jacob, e com braço poderoso arranca esta familia do jugo da mais dura e barbara escravidão, e a conduz ao travez dos desertos, aonde goze de seus direitos, religião, leis e costumes. O segundo, por um acto espontaneo de sua vontade soberana, torna cidadãos livres os miseros e desditosos

escravos de um pesado e irracional absolutismo restituindo-lhes generoso foros e direitos, que lhes haviam sido usurpados.

O Libertador de Israel confunde e abate todos os poderes que se oppõe á liberdade dos filhos de Jacob, e sahe triunfante com elles para a terra, que lhes pertencia. O Libertador dos Portuguezes resiste constante e inabalavel a tudo quanto ousa oppor-se á emancipação, que generoso lhes concedêra, e jura e protesta ou salvar o seu povo, vencendo os seus inimigos, ou morrer com este povo fiel, preferindo uma morte gloriosa á sorte aviltadora dos escravos. Aquelle vence e debella não só as hostes armadas dos incircumcisos que lhe disputam o passo, mas vence e debella os partidos e as intrigas daquelles, que não visando senão suas paixões e vinganças, preferiam o captivo do Egypto ás delicias da liberdade alcançadas por um Heroe, que elles odeavam. Este debella e vence as hostes armadas que defendem a escravidão, e frustra e inutilisa os esforços da intriga e do odio, sem abalar-se, sem vacilar um momento na nobre marcha que encetára leva ao fim a grande Obra da Redempção dos Portuguezes com espanto e admiração da Europa e do mundo.

O Povo Hebreu, maravilhado á vista do valor e sabedoria do Seu Libertador, cheio de gratidão o proclama Heroe, e declara á face do Ceo e da terra que elle era o Ministro do Deus de seus paes e que a Mão do Senhor estava com elle. O Povo Portuguez possuido da mais profunda admiração á vista do seu Heroe canta agradecido os louvores do Legislador, do Guerreiro, do Amigo, do Bemfeitor, e reconhece religioso o Dedo do Deus de Affonso Henriques nas obras estrondosas pelo Heroe praticadas. O Legislador dos Hebreus, libertado o povo larga elle mesmo o poder, dimitti-se perante o povo, abençoa a Josué filho de Nun a quem o Ceo concede aperfeiçoar a obra de Moyses, e gosar com o povo as doçuras da Liberdade. O Heroe Portuguez salvada a Patria, resgatado o Throno, restaurada a Lei larga o Poder, demitte-se, vê sentada no Throno a Augustissima Rainha D. Maria II, caro e terno objecto da sua

dilecção, a Quem o Ceo concedeu aperfeiçoar a Obra de Seu Augustissimo Pae, e colher com o Povo os fructos da Liberdade que Pedro o Grande de Portugal plantára.

A um e a outro diz o Senhor = Não mais gloria, Heroes, não mais. Tanta como vos coube ainda não gosou mortal algum. Mais que homens vos acreditam os povos. Tendes consumado a vossa Missão, os Povos estão livres, vossos olhos o viram. *Vidisti eam oculis tuis*. Basta, nada mais vos cabe sobre a terra *et non transibis ad illam*. Moyses morre alli chorado por todos os filhos de Israel com grande pranto. O Heroe Portuguez acaba sua preciosa existencia no meio dos gemidos e lagrimas de todos os Portuguezes e de todos os homens livres. *Mortuusque est ibi. fleverunt que eum omnes filii Israel*.

E Mandais, Rainha, que eu renove a pungente dor que feriu e traspassou, qual pontaguda lança o innocente Coração de V. M. F. na infausta e lamentada morte de Vosso Augusto Pae! E Ordenais, Senhora, que eu rasgue hoje as mal cicatrisadas feridas, que no Vosso Peito e no coração de todos os Portuguezes abriu a prematura morte do Rei, do Legislador, do Pae, do Amigo, do Heroe, do Bemfeitor! Quereis ver lavado aquelle tumulo onde repousam as Preciosas Cinzas do Principe Filosofo, com as lagrimas dos amigos, dos camaradas, dos companheiros d'armas e de todos os fortes de Portugal, que o Heroe conduziu á Victoria? Quereis, Excelsa Rainha, que as abobedas do Sanctuario sejam abaladas com os gritos e gemidos de um povo inconsolavel, que parece queixar-se ao Ceo diante dos Altares da Religião, e na Presença de V. M. F. da perda irreparavel que soffreu? E quando tanto seja do Vosso Agrado, Senhora, para pagardes ao Vosso Bemfeitor e ao Amigo dos Portuguezes este religioso tributo, devo ser eu o escolhido! Eu o Ministro da Religião que o vi, qual frondoso Cedro do Libano nos dias do seu triumpho e da sua gloria, sendo a gloria a alegria e a esperanza dos Portuguezes, e que o vi cair ferido da morte, qual flor mimosa cortada pela fouce do cegador?

Cumpram-se, Excelsa Soberana, vossos Votos, refiram-se as brilhantes acções do Heroe Portuguez, do Pae da Patria, do Libertador do Povo, do Muito Alto e Poderoso Senhor D. Pedro IV. Rei de Portugal e dos Algarves, Duque de Bragança e Vosso Augustissimo Pae, que viveu adornado de Honra e Gloria, e morreu, qual sempre fora = Principe Religioso.

Mostrar que o Senhor D. Pedro o Grande de Portugal foi um Principe perfeito — um Soberano justo — um Guerreiro generoso — um Principe Catholico, eis todo o objecto desta Oração.

Começo.

Uma Oração funebre não é outra cousa que um Processo, que se fórma sobre a vida e acções do Heroe morto. O orador expõe e refere os factos brilhantes, que o Heroe praticou, a verdade preside a esta exposição. E' dever do Orador rebater as arguições, se algumas se tem feito. O Povo escuta, decide. Elle é o Juiz. Era costume entre os povos antigos, julgar, depois de mortos, os seus Soberanos. Os Egypcios não os sepultavam sem que o Povo os julgasse. A morte os entregava ao Juizo do Povo, e este lhes concedia ou negava as honras sepulchraes.

O Heroe de quem eu tenho a honra de fallar já foi julgado. O Povo Portuguez já proferiu a Sentença. Um anno decorreu desde o dia infausto de sua lamentada morte, e ainda não cessaram de correr as nossas lagrimas, ainda não pode enxugar-se o nosso pranto. Todos os Portuguezes pagaram ao Libertador o tributo de suas lagrimas, de seu lucto e saudade. Um só dia não se passou, sem que a voz publica a cada hora, a cada momento o chame á vida, clame por seu Nome excelso. A Europa lhe fez justiça, o mundo inteiro o contou já entre os Heroes. *A morte de Pedro o Grande de Portugal*, dizem os homens livres, *foi uma calamidade para a causa sagrada da civilisação e da liberdade*. Os povos, que ora luctam armados contra a tyrannia, julgaram o Heroe Portuguez. *Desfez-se*, disseram elles, *essa porção elle*.

ctrica, que a pó a nada reduziu a escravidão. Desapareceu, não vive o Amigo dos Povos, a cujo Nome tremiam despotas e tyrannos. Ah! um novo esforço façamos, sacuda-se o jugo, e a exemplo dos Lusos, saibamos ser livres.

Os inimigos dos Povos, os despotas e tyrannos tambem julgaram o Pae da Patria, o Heroe Portuguez: e sua Sentença não lhe foi contraria. *Animo, coragem*, disseram uns aos outros, *morreu esse Principe contrario a nossos direitos. Não existe já esse exemplo funesto que nunca fora visto sobre a terra; não vive, morreu o Filosofo, que nascido na purpura ousou dar aos povos direitos, representação e voto. Morreu esse Soberano que se sentia abafado na athmosphera dos thronos; que delles desceu aos braços dos povos. Morreu, não existe, e nossos escravos que já mormurando contra nós formavam terriveis planos de rebellião e liberdade, ainda um dia, porque Pedro morreu, nós poderemos rege-los como rebanhos de gado.* Finalmente, Senhores, todos os homens de bem, que prezam a honra clamam a uma voz que a morte do Grande Pedro foi uma desgraça para a causa da civilisação, da justiça e humanidade. Por esta fórma julgado o Heroe que mais nos resta? Eu podia, Excelsa Senhora, sem me afastar das regras precisas, que a arte me prescreve, pôr termo aqui á Oração Sagrada, e sentado nos degrãos do Tumulo carpir, chorar com o Povo sobre as Cinzas do Pae da Patria nossa desgraça. Mas não. Eu não receio enfadar os Portuguezes, quando lhes contar de Pedro o Grande os nobres feitos. Eu vou referi-los e a Nação Portugueza confirmará a Sentença já proferida em favor do Heroe, proclamando-o outra vez Principe perfeito.

O Muito Alto e Poderoso Senhor D. Pedro de Alcantara Bragança e Bourbon viu a luz do dia no Real Paço de Queluz a 12 de Outubro de 1798, e neste mesmo logar trinta e cinco annos, onze mezes e doze dias depois acabou sua preciosa existencia. E' neste pequeno circulo que ides ver o Principe perfeito, o Rei justo, o Guerreiro generoso e o Homem catholico. Foi o Principe o terceiro fructo do Con

sorcio celebrado entre SS. MM. o Senhor Rei D. João VI. e a Rainha a Senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon. O Principe teve aquella educação, que era costume dar-se em Portugal aos filhos dos Reis, e pode dizer-se, sem receio de faltar á verdade que o Principe quanto adquirio de conhecimentos, de experiencia, de filantropia, de cultura no seu espirito foi devido á sua bella indole, aos seus ardentes desejos de instruir-se, e ao amor que tinha aos seus semelhantes, que havia de governar um dia.

Passando ao Brasil no fim do anno de 1807 com seus Augustos Paes procurava ahi com summo disvelo a sciencia, que a politica afastava d'elle com ardil. Quanto o Principe via, observava ou ouvia na corte achava quasi sempre uma decidida reprobção em seu nobre coração, em sua alma franca, em seu genio incapaz de doblez. O Principe suspirava por instruir-se nos usos, costumes, habitos e privações dos povos que deviam algum dia ser subditos seus. Quantos esforços, tantas vezes repetidos, quantas baldados fez o Principe para vir a Portugal apprender a Arte da Guerra nessa lucta porfiosa, da qual pode dizer-se, abalou todas as Dinastias e Thronos da Terra, armou uns contra os outros todos os Povos, e no fim da qual o homem maior que vira o mundo, victima de seus proprios erros e das traições daquelles a quem beneficiára foi acabar sua existencia sobre um rochedo no meio dos mares, chorado dos poucos amigos, temido e respeitado de todos? O Principe, foi reduzido, para instruir-se, a seus proprios recursos.

Eu não pretendo culpar o venerando Monarcha o Senhor D. João VI. Nós sabemos que só aos homens extraordinarios é dado exorbitar-se fora do circulo dos erros e abusos em que foram creados, estes erros, estas prevenções acham-se no palacio e na choupana em todas as classes. O Rei fez educar seu filho, como elle mesmo fôra educado. O Grande Pedro estudava como a furto as sciencias naturaes, recatando da côrte os livros e instrucções que os amigos lhe davam. Os exercicios militares faziam o objecto mais caro ao seu coração; tambem esta classe era

sobre todas a sua predilecta. Estranho aos negocios, e á politica, que recatava e escondia do Principe os segredos do gabinete, posto que nada escapava á sua penetração, S. A. R. gastava a maior parte do tempo em estudar os homens. A 18 de Maio de 1817 o Principe casou com a Muito Alta Senhora Dona Maria Leopoldina, Archiduqueza de Austria, e deste feliz consorcio nasceu V. M. F. e os Principes existentes no Brasil vossos Augustos Irmãos.

Somos chegados a uma época em que os sentimentos politicos do Principe se manifestaram pela força dos acontecimentos e pela natureza das cousas. Epocha em que se chegou a duvidar da fidelidade do Principe ao Rei, do qual era subdito o mais fiel, filho obediente e amigo leal. Epocha em que os velhos abusos do antigo regimen soffreram em Portugal o golpe mortal, de que nunca mais poderão levantar-se; golpe que abriu o caminho a uma ordem de cousas justa e razoavel que em tempo proprio devia estabelecer-se e ficar permanente. Epocha em fim na qual o Principe Real, levado pelos acontecimentos, não fez senão cumprir á risca as ordens positivas que recebêra d'ElRei seu Pae.

Aos males que necessariamente resultam de uma guerra tão prolongada como a peninsular, e aos que resultaram da ausencia da Côrte, accumularam-se sobre nós os que nos fez um governo fraco, tyranno, ignorante e feroz como o da Regencia, que só pretendia conservar-se pelo medo e terror. Todas as Ordens do Estado, todas as Classes da Nação gemiam oppressas debaixo deste jugo insupportavel. Os gritos e gemidos do Povo eram desprezados dos que regiam nossos destinos, e o Venerando Monarcha quasi a duas mil legoas de distancia, não só ignorava nossos padecimentos, mas illudido e enganado nos acreditava felizes. Nosso numerario tinha desapparecido da circulação, nosso bravo e valeroso Exercito que se cubrira de gloria quando aggressor ou aggredido arrastava no pó e na miseria os horrores de uma vida ignobil. A Inquisição e a Policia espreitando, interpretando passos, gestos, palavras e os mesmos pensamentos eram os sustentaculos da Regencia. As fo

gueiras do Campo de Sant'Anna tinham levado a desesperação e o horror aos peitos Portuguezes, e nós que n'outr'ora espantamos a terra com feitos nobres e valorosos, eramos uma Colonia do Brasil, um povo de escravos, mandados ao cadafalso ao aceno do estrangeiro! Extincto o commercio, moribunda a agricultura, nossas artes em desprezo, nossas fabricas ou queimadas ou inutilizadas, nossas manufacturas em descredito, a gloria nacional eclipsada, nosso nome tornado obscuro, o Rei ausente... O' Ceos, que horrivel situação a nossa!

Foi então em 1820 que a Heroica Cidade do Porto levantou o grito da liberdade a par e simultaneamente com o do seu Rei, a quem toda a Nação fazia justiça de acreditar estranho a todos os seus padecimentos. Este grito foi repetido em todo o Portugal, e seja dito e confessado, que se houve Portuguezes que não approvassem a maneira por que as cousas se fizeram, um só Portuguez não houve que não julgasse necessaria uma fortissima medida, que mudasse plenamente o penoso e cruel estado de nossa opprobriada Nação. Este grito de Rei e liberdade retumbou alem do Atlantico, repetiu-se no Brasil, na Côrte do Rio de Janeiro, e foi então e só então que o venerando Monarcha o Senhor D. João VI, teve noticia de nossos soffrimentos. Todo o Brasil reuniu suas vozes ás de Portugal, e repetiu com ardor e entusiasmo o grito de Rei e liberdade. O Principe Real ouve com prazer e satisfação proclamar seus principios, sua alma pura, franca, incapaz de disfarce não lhe permittiu moderar seus transportes. Subdito fiel, filho obediente, amigo leal disse com franqueza a ElRei, que elle vivia enganado, pediu-lhe que tornasse feliz o povo, e segurasse o seu Throno identificando com os interesses da Nação os seus proprios interesses. O homem que preza a honra, que se ama, que respeita e ama o seu semelhante é aquelle que eu chamo para responder-me se algum Principe das antigas idades ou da presente se portou com tanta sabedoria e dignidade como o Principe D. Pedro? Nenhum até hoje.

ElRei tem Conselho, e este decide que o Prin-

cipe na qualidade de Regente venha para Portugal presidir a nossos destinos; mas uma condição pesada e dura, a que pretendem sujeita-lo, leva S. A. R. a recusar decididamente a missão, (*) de que o encarregavam. Resolveu-se então a vinda d'ElRei, e que o Principe ficasse regendo o Brasil. O Senhor Dom João VI, despedindo-se de seu Filho lhe disse as seguintes palavras, que todos os Portuguezes devem conservar de memoria, para defender o Heroe Libertador da imputação mais virulenta e injuriosa que se lhe podia fazer: " Principe, quanto te for possível sustenta o Brasil unido a Portugal na obediencia a teu Rei e Teu Pae; mas se isto não poder fazer-se, porque os acontecimentos o estorvem, não consintas que este Reino passe a outras mãos. Fica tu com o Brasil, porque és meu Filho e Successor. "

Todos sabem que o Principe Real fez todos os esforços para conservar o Brasil unido a Portugal e na obediencia a ElRei seu Pae, e todos sabem tambem que uma serie de acontecimentos, que se multiplicavam e nasciam uns dos outros tornaram impossivel isso que ElRei queria, que o Principe muito desejava, e que já era difficil no tempo em que ElRei saiu do Brasil. A desaparição dos Deputados do Brasil das Côrtes de Lisboa; pretendidas accusações contra os Portuguezes; figurados projectos contra o Brasil; os receios dos Brasileiros de soffrerem os mesmos males, ausente o Governo, que tinham levado os Portuguezes a proclamar o Rei com uma Constituição; e finalmente a guerra e as perseguições que

(*) O Conselho decidiu que o Principe viria a Portugal extinguir a revolução, e para se assegurarem de que assim o faria devia ficar como em refens a Princeza Real e seus filhos; o Principe não quiz sugerir-se a tal, porque não queria outro Governo senão o Constitucional Monarchico emanado do Throno. Tanto é isto verdade que resolvendo o mesmo Conselho que se pedisse ao estrangeiro uma esquadra e quinze mil homens para extinguir a revolução, o Principe disse a ElRei, que se fazia semelhante cousa a que seus conselheiros o levavam, elle fugia do Brasil e vinha a Portugal por-se á testa dos homens livres. Ainda hoje na sala dos Passos na corte do Rio de Janeiro ha um alcapão, que o Principe mandou fazer, para evadir-se por elle com sua Augusta Esposa, os Principes seus filhos e dous amigos, um dos quaes hoje vive em Lisboa.

se faziam na Europa aos principios liberaes, e aos que os professavam, reunida esta guerra á dos partidos, e a uma rebellião atroz e perfida que se manifestou então contra ElRei, tudo isto conduziu, Senhora, o Augustissimo Pae de V. M. F. a emancipar o Brasil, visto que era impossivel, sem a subversão da ordem publica, e a perda total, conserva-lo unido a Portugal.

O Principe cumpriu as ordens d'ElRei seu Pae, e seja-me permittido dize-lo, que essa mão occulta que na Peninsula Hispanica, por todos os meios os mais abjectos e immoraes, esmagava a liberdade, essa mesma mão traidora sustentava a liberdade no Brasil, muito de proposito para estabelecer a scisão do Imperio Portuguez, e conduzia o Principe Real a todos os actos que são para um Principe religioso consequencias necessarias de um primeiro acto firmado com juramento, que o Principe não era capaz de trair, do que toda a sua vida deu as mais exuberantes provas. E' uma verdade, que ninguem ousará impugnar, que tanta foi a guerra que se fez á liberdade peninsular, quanta foi a protecção que deu ao Brasil para ser e conservar-se emancipado. Embora as desgraças, as mortes, as crueldades e todos os medonhos acontecimentos, de que foram victimas Hespanha, Portugal e o Brasil. A politica não tem cousa alguma a fazer com a moral.

Prostrada a Liberdade em Portugal, estabelecida mui astutamente a desintelligencia entre ElRei e o Principe, entre Portugal e o Brasil nós vimos nascer e ganhar logo espantoso incremento essa facção rebelde e traidora denominada deffensora do Throno e do Altar. Nós a vimos corrompendo e levando a uma completa desmoralisação um filho desaventurado que devia um dia levantar a mão sacrilega e parricida contra seu Rei, e que por uma serie espantosa de crimes devia abismar o Rei, e a Nação n'um oceano de desgraças, das quaes muitas gerações no provir hão de ressentir-se. Esta facção declarou guerra de morte a todos os Cidadãos honrados e fieis ao Rei, quaesquer que fossem seus principios politicos. Levantou o estandarte medonho cuja devisa era desacredi-

tar o Soberano e o Seu Primogenito. A facção constrangeu o Rei, forçou-o e dispoz d'elle a seu arbitrio. Innumeraveis Portuguezes de todas as ordens do Estado foram lançados em profundas masmorras, metidos em presidios, mandados para insalubres climas, ou tiveram de expatriar-se fugindo uma terra onde não havia repouso. O Venerando Monarcha era inimigo de sangue e perseguição, a torpe facção tendo-o forçado a que não desse a Constituição que promettera ao Povo Portuguez, insultou-o e teve o arrojo de prende-lo no seu proprio Palacio, com escandalo da Europa e do mundo, depois de ter assassinado quasi na Sua Presença um creado fiel, só porque em extremo o amava. O fim da facção era perpetuar a desintelligencia entre o Rei e o Principe Real, accelerar a morte daquelle, excluir este do Throno Portuguez e assentar nelle o jurado inimigo da Patria e da especie humana. O dia 30 de Abril de 1824 leva até á evidencia a verdade dos factos que tenho expendido. O Deus de Affonso Henriques salvou o Rei com seu Braço Omnipotente nesse dia de horror, poupou aos Portuguezes uma nodoa infame de que nossos paes nunca se mancharam, baniu do Solo Portuguez o instrumento de tantos males, trouxe a reconciliação do Rei com o Principe Real, de Portugal com o Brasil, abateu a facção, que facil fora extinguir então se efficazmente isso se quizesse fazer.

Atterrada e silenciosa a facção desapareceram os pretendidos crimes do Principe Real e os Portuguezes tornaram a olha-lo logo como sua unica esperanza e refugio. O Principe vai justificar-se por factos, vai desmentir todos os aleives, embustes e crimes de que os inimigos da Patria e do Rei o arguiram; e vai mostrar aos Portuguezes, que merece essa confiança que nelle depositam, subindo ao Throno de Seus Augustos Maiores, onde apparece Rei justo, Amigo do Povo, usando do Poder absoluto que herdara, só e unicamente para dar a Liberdade aos seus Subditos.

Consumido de dor e amargura, fatigado de perseguições e trabalhos, acurvado debaixo do peso enorme de mortaes desgostos, sempre em resguardo con-

tra seus jurados inimigos, que eram os inimigos da honra e da fidelidade o Senhor Rei D. João VI morreu a 10 de Março de 1826, deixando installado um Conselho de Regencia, presidido por S. A. R. a Serenissima Senhora Infanta D. Isabel Maria por decreto de 6 do mesmo mez e anno. Em quanto neste tempo os amigos fieis da Augusta Dinastia de Bragança, os Portuguezes honrados e fieis esperavam paz, ordem, Liberdade das Augustas Mãos do novo Rei, a facção cruel e sanguinaria, esperava com impaciencia ver renovadas as scenas tragicas de Salvaterra e de trinta de Abril. A facção fallava bem alto e escrevia para o Brasil, que o novo Soberano devia punir com exterminio e morte todos os amigos da Liberdade. *Noli pati illos esse innoxios* gritava um scelerado no Templo do Deus vivo (*).

Porem, Excelsa Senhora, ElRei o Senhor D. Pedro IV sabe a 26 de Abril de 1826 que seu lamentado e perseguido Pae succumbira ao peso enorme das perseguições e trabalhos, ralado de amargura e mortaes angustias, e seu coração terno e bom é ferido como de uma pontaguda lança, S. M. deu ás lagrimas e á dor todo esse dia, e no dia seguinte o Sol illumina o Acto primeiro do seu Reinado. Portuguezes, o novo Rei dá a toda a Nação uma amnistia, por opiniões politicas, a mais generosa, a mais ampla, que nenhum Soberano antes d'elle, e por ventura nenhum outro no andamento dos tempos dará aos povos. Nenhuma excepção, considera-se o Pae, o Amigo de todos, sacrifica no altar da Patria todos os resentimentos que podia ter. Uma amnistia que só teve semelhante nas que elle mesmo ainda um dia dará a culpados no excesso de sua incomparavel bondade. Por este decreto de 27 de Abril o Senhor D. Pedro IV reúne á roda do seu Throno toda a Familia Portugueza, o Manto Real do Rei Magnanimo

(*) José Agostinho de Macedo pregando na Basilica da Estrella no dia do Santissimo Coração de Jesus em 1826, gritava ao Senhor Rei D. Pedro IV, que elle reconheceu Legitimo Soberano = Que matasse todos os Liberaes, que exterminasse os Constitucionaes, que fizesse o mesmo que Salomão aos inimigos de David, e não concedesse a vida a um só = *Noli pati illos esse innoxios.*

cobre, para não serem punidas, opiniões, erros de intendimento, por ventura crimes da seducção e da ignorancia. As portas da Patria são abertas aos amigos da liberdade, innumeraveis familias, até então em lagrimas e amargura, recebem e abraçam os paes, os irmãos, os esposos, os filhos, os amigos, tudo exulta excepto o crime, o odio e a vingança. O nome excelso do Rei é repetido com amor e respeito em toda a Monarchia.

O dia 29 de Abril allumia outro Acto do novo Soberano, que espantando o mundo inteiro, elevou o Rei acima de todos os Monarchas que des d'o berço do mundo regeram os povos, e acima de todos os que nos seculos a porvir praticarem o mesmo, e nas mesmas circumstancias, que fez o Senhor D. Pedro IV. Elles terão o merecimento da imitação, e por isso serão louvados, mas a gloria da invenção é privilegio exclusivo do Rei Filosofo, de Pedro o Grande de Portugal. S. M. outhorga livremente aos Portuguezes uma Carta Constitucional, na qual a Religião tem garantidos seus dogmas e moral, o Throno sua magestade e direitos, a Nobreza as suas regalias, o merecimento, os serviços e os talentos a sua recompensa e consideração, o Povo os seus foros, o pensamento a sua liberdade, a propriedade a sua segurança. Pode dizer-se, Senhora, de Vosso Augustissimo Pae com mais razão, o mesmo que se disse de Alexandre Magno. A terra emmudeceu na sua presença. *Siluit terra in conspectu ejus.* O Rei da Macedonia emmudeceu todas as familias da terra pelo estrepito das armas, e pelo valor de suas falanges. O Augusto Pae de V. M. F. fez emmudecer toda a idade presente, que possuida de pasmo e admiração, não tem expressões com que manifeste a sua gratidão ao Rei Filosofo, que liberta o Povo. Portugal, a Europa e o mundo emmudeceram á vista deste facto espantoso. *Siluit terra in conspectu ejus.* (*) Ninguem o obriga a dar esta Carta, ninguem mesmo ousa supplicar-lha. Sua sabedoria a julga necessaria; sua filantropia conduz sua grande alma a libertar os Portuguezes; seu

(*) 1.º dos Mach. c. 11. v. 52.

coração verdadeiramente paternal o decide a tornar livres os seus subditos. D. Pedro não reinará sobre escravos. Aquelle Principe, que dera a liberdade aos seus subditos Brasileiros, que jurára conservar-lhes e defender-lhes a liberdade, que por não trair este juramento não uníra em 1823 o Brasil livre a Portugal escravo, patentea neste brilhante dia á face do mundo todos os motivos que marcaram sua conducta passada e tinham regulado seus passos. O genero humano conheceu então de uma vez para sempre que a politica nunca acharia no Grande Pedro um prejuizo, um tyranno inimigo do Povo. O Senhor Dom Pedro IV. appareceu um Soberano justo.

O dia 2 de Maio de 1826 allumia outro Acto de generosidade, de amor, de ternura o mais brilhante que os seculos viram, e que não tem precedente revestido das mesmas circumstancias na historia do mundo. Este novo Acto colloca de novo o Rei bom e justo acima de todos os Principes. Outra dadiva, Portuguezes, outra prova do ardente amor do immortal Pedro á Nação Portugueza, outra dadiva á Patria, que lhe dera o berço. O Rei nos deu, Augusta Senhora, a V. M. F. para Nossa Rainha. Abdica em V. M. F. a Corôa de Portugal, que herdára de seu lamentado Pae, o Grande Pedro constitue a primeira e mais querida de suas Augustas Filhas Nossa Rainha, para reger os Portuguezes com a Carta e pela Carta. Sobre a lei de 29 de Abril assenta esta generosa doação, e sobre esta lei, sendo jurada, e sobre esta doação se firma o Throno de V. M. F. Mais uma condição houve aconselhada pelos inimigos da liberdade, ou por esses homens credulos, a quem nenhuns factos servem de lição, nenhuns acontecimentos ensinam. O Valoroso Duque de Bragança raspon cheio de indignação a condição segunda, que o Rei D. Pedro IV. escrevêra no Acto da Abdicação da sua Corôa, enganado pela hypochrisia. Não recêe, Senhora, que eu profane estas Honras Religiosas que V. M. F. como Filha grata, como Rainha justa, como Catholica consagra hoje á memoria do mais digno e extremoso dos Paes recordando essa condição ou proferindo um nome odioso a tudo quan-

to preza a honra e a virtude. Povos da terra, Nações, dizei o que mais podia fazer a favor do seu Povo um Soberano para merecer o nome de Justo, e de Pae da Patria, de Amigo dos homens? O que mais é preciso? Dizei: Sustentar estas dadas preciosas, que fez aos Portuguezes, com a espada na mão combatendo os inimigos, sacrificando pela Rainha e pelo Povo seu socego, sua saude, seus bens, a vida e tudo quanto possui sobre a terra? Elle o fará, Portuguezes, vós o ides ver, confessareis comigo que o Heroe Portuguez foi um Principe perfeito, um Rei justo e o Soberano mais digno que veio ao mundo.

Senhora o respeito devido á Sanctidade da Casa do Altissimo, ás illustres e preciosas Cinzas do Libertador da Patria, á Presença de V. M. F. e finalmente ao Sagrado Ministerio, que exerço me obrigam a evitar quanto possivel for a recordação de factos que possam excitar nesta Illustre Assembleia sentimentos de odio ou vingança, e eu confio que a Presença dos Despojos mortaes do Heroe Portuguez, que hoje choramos abafem, quando não possam aniquillar recordações horriveis, que ninguem pode sem terror e indignação trazer á memoria. Quem me dera poder eu arrancar do livro da Historia essas paginas de sangue onde a par das mais brilhantes virtudes, dos feitos os mais nobres, da mais completa e generosa dedicação estão escriptos os crimes, as traições, os perjurios, as vilezas, infamias, espoliações, scenas patibularias, exterminio, prisões, roubos, blasfemias e alfim as lagrimas e os gemidos de tantos innocentes! Quem me dera poder apagar da memoria da idade presente as iniquidades que ella viu e presenciou, iniquidades que nos seculos vindouros parecerão tão fabulosas, como os heroicos sacrificios que nos salvaram! Quem podera...! Mas é um impossivel esquecer, nossos olhos o viram, nossos ouvidos escutaram... O Grande Pedro para salvar-nos de tantos males sacrificou sua preciosa Vida. Nós choramos hoje sobre suas Cinzas.

Arronches, Coruche e Celorico da Beira, as Pontes da Barca e dos Arcos viram com pasmo os nobres esforços dos Portuguezes livres, que tiveram a

gloria de abater e confundir no pó essas hordes armadas de escravos desprezíveis; que ousaram, com vergonha do mundo rebellar-se contra o Rei e a Carta no mesmo dia 31 de Julho de 1826 em que ella foi jurada. Portugal e a Europa viram á força de crimes e enganos a facção rebelde abatida e vencida por tantas perdas, não só foi acolhida em uma Nação vizinha, mas sustentada e protegida em Portugal. A Europa viu com espanto como foram agasalhados e defendidos os rebeldes, e a maneira porque foram perseguidos os valentes que os venceram, e como os Cidadãos mais decididos pelo seu Legitimo Soberano, os que defendiam e sustentavam com seus escriptos a Legitimidade do Rei, da Carta, da Rainha e da Liberdade, os Membros mais conspicuos do nosso Parlamento foram perseguidos, presos e processados! Portugal e a Europa viram com escandalo e horror como os gritos e os gemidos de um Povo fiel, que só pedia lhe conservassem intactas as dadivas preciosas de seu Soberano, estes gritos e supplicas não só foram desattendidos, mas até processados como crimes de alta traição, como factos desorganizadores da ordem publica. Finalmente Portugal e o mundo viram com espanto e horror applainados todos os caminhos, removidos habil e astutamente todos os obstaculos, para que a traição triumphasse, o Povo Portuguez fosse escravo, a Carta dos Direitos de V. M. F. e dos nossos fosse rasgada, e para que V. M. F. fosse espoliada do Throno que Seu Augusto Pae lhe dera. Assim á força de crimes chegou a Portugal o suspirado do crime e da traição e no momento em que elle poz os pés em Lisboa, nesse momento Rainha, Carta, Cortes, Liberdade, Direitos, Virtude desapareceram da nossa terra sobre a qual estendeu o despotismo e a morte seu braço destruidor. Lá se revolta contra o crime essa heroica Cidade, que um dia ha de tomar o primeiro logar nos fastos da Liberdade. Alli voam os valentes defensores da Patria; alli se reúnem os homens livres; alli se juntam muitos corpos do Exercito, e uma divisão se fórma tal e tão valente qual nunca Portugal tivera nos dias da sua grandeza. Não faltam forças, ha valor, ha todos

os recursos, já a usurpação vacila sobre o throno roubado, já os ministros do crime vacilantes e incertos projectam fugir da Patria que haviam trahido, quando acontecimento espantoso! Tudo se desfaz, tudo desapparece, e a revolução mais legitima, mais justa, mais nobre que viram os seculos acabou, desfz-se no meio de embustes, de intrigas, e de lisongeiras esperanças que os inimigos da Liberdade deram a beber a longos tragos em douradas taças. Os defensores da Rainha, os valentes de Portugal, sem saberem como, viram-se em terras estranhas, comendo o pão amassado com lagrimas, e esperando o dia e o tempo em que desmascarada a hypocrisia viessem libertar Throno e Patria conduzidos pelo Valeroso Capitão, que devia ver com seus proprios olhos, como, quando, por quem e de que maneira havia sido trahido e enganado.

A mesma politica doble e traidora que tantos males nos causara, aconselhou, Senhora, a Vinda de V. M. F. do Brasil para a Corte de Vienna d'Austria, e esta medida, que se se verificasse consumaria a nossa desgraça, e a de V. M. F., foi impedida por um Illustre Portuguez, que tomou sobre si essa enorme responsabilidade, á qual só sabe dar todo o peso quem teve a honra de conhecer de perto a decisão do Senhor Rei D. Pedro IV. Quando outros muitos servissos não houvesse feito este Illustre Portuguez, este era bastante para que nunca seu nome fosse menoscabado. (*) O Augusto Pae de V. M. F., ignorando quanto se passava em Portugal e na Europa, tinha declarado verificadas e completas as condições da Abdicação da Corôa, desceu do Throno reservando só para si os sagrados titulos de Tutor e Defensor de V. M. F. que a natureza lhe concedêra como Pae.

(*) O Orador allude ao Duque de Palmella. E' certo que os Excellentissimos Visconde de Itabayana e Marquez de Rezende tiveram parte nesta medida, que impediu a ida de S. M. F. a Rainha para Vianna d'Austria. E' nosso dever confesssar que os dous Illustres Brasileiros prestaram grandes serviços á Causa da Rainha e da Liberdade motivo porque o Immortal Libertador os condecorou, e ao Visconde de Itabayana a Nação grata a seus serviços e aos soccorros prestados á Causa da Liberdade e aos emigrados lhe decretou uma pensão.

Em Maio

de 1822 em

avia este

a V. M. F.

mandado

J. M. F. p.

Vienna. 1822

nao foi elle, p. im-

pedio, foi o m. Duque de Bragança, q. o prevenio, quando mandou a Rainha para a Europa, e foi Rezende e Itabayana q. mais concertou; disto tudo d'irrefragaveis documentos, e em 80. (22) mais o Duque ao Conde de Torres, q. nada teve com a vinda da Rainha para a Europa.

A despeito de tantas desgraças, e da ruina geral de nossos negocios, sempre V. M. F. teve no Territorio Portuguez um ponto no qual o Throno, o Augusto Nome de V. M., a Carta da nossa emancipação, os seus direitos e os nossos, a nossa fidelidade e juramento se salvaram. Nos escarpados rochedos da Terceira estava o invicto Batalhão de Caçadores 5, que nunca dobrou o joelho diante da usurpação, que nunca serviu a escravidão, e nunca quebrou o juramento que dera a V. M. F. e á Carta. Sete Illustres Portuguezes, de quem a historia conservará os nomes respeitaveis, treparam por estes rochedos, e unidos ao valoroso Batalhão sustentaram a Causa da Patria, com mais valor que Pelagio nas serranias das Asturias contra os volcões da anarchia e da rebellião, maiores ainda que esse que tirára do profundo do Oceano aquelles penhascos. Aqui vieram parar os defensores da liberdade atravessando os mares, arrostando a morte, e illudindo a vigilancia dos inimigos, que bloqueavam a Ilha. Daqui foram repellidos outros, não se lhes permittindo saltar em terra, sob o pretexto de uma palavra = Não intervenção = que, como Theologo, não sei definir, e que nem sempre a explica da mesma maneira a Diplomacia que a escolheu e chamou em seu serviço. O Heroe Portuguez sabe na Côrte do Rio de Janeiro estes nobres acontecimentos, reconhece mais uma vez o valor e fidelidade dos Portuguezes, presta-lhes todos quantos socorros pode, nomeia uma Regencia, que a despeito dos maiores perigos sahe de Inglaterra, e vai estabelecer-se na Terceira. Já o dia brilhante de 11 de Agosto de 1829 havia ensinado á usurpação na Villa da Praia o valor das Tropas da Rainha, e a differença que ha entre cidadãos livres que pugnam pela Patria e seus direitos, e o soldado escravo que peleja em defeza de seu senhor, a quem vendêra a vida e liberdade. V. M. F. saindo de Inglaterra a 29 de Agosto do mesmo mez e anno para o Brasil na companhia da Excelsa Filha do Heroe de Italia a Senhora Princeza Amelia, com quem o Heroe Portuguez passára a segundas Nupcias, teve a satisfação de referir a seu Augusto Pae, como os valentes de-

defensores da Terceira haviam repellido as forças da usurpação, e como o General, os Voluntarios e as Tropas da liberdade se haviam adornado de vigosos louros. V. M. F. viu e observou como S. M. I., afora os soccorros pecuniarios com que soccorria os defensores da Terceira, declarava á Europa e ao mundo que nunca transigiria com os inimigos de V. M. Promessa que S. M. I. cumpriu com o maior escrupulo e exactidão.

Em fim o Deus de nossos paes, compadecido da Nação Portugueza, offendido dos crimes que manchavam o Solio Lusitano, commovido dos gemidos de tantas viuvvas, orfãos, pupillos, não podendo tolerar mais a profanação do seu Sanctuario, nem que a impostura e o crime esmagassem por mais tempo a innocencia e a virtude, querendo premiar o valor e a constancia de tantos justos, que não haviam manchado sua consciencia, nem violado a santidade do juramento, chamou do Brasil o Heroe Portuguez, como n'outr'ora chamára o Patriarcha da Mosopotamia, manda-o sair do meio daquelle Povo para um lugar que vai mostra-lhe, onde mais nobre empreza, trabalhos mais uteis á humanidade lhe vão ser commettidos. Como chamára a Cyro para punir os culpados, chamou a Pedro o Grande para punir o perjurio e a traição, e da mesma maneira que fallára a Josue, o Senhor lhe diz = Conforta-te, tem animo e valor, a ti, ó Principe, cabe a gloria de conduzir o meu povo á terra por que suspira e de que é digno = *Confortare et esto robustus, tu enim introduces populum meum in terram.* (*) Já o Heroe, a quem nem o poder, nem as grandezas do mundo nunca prenderam, nem fascinaram, que sempre as víra com os olhos de verdadeiro filosofo, que nunca se propoz outro fim no seu governo senão o bem estar e a felicidade dos Povos, já desce do Throno do Brasil, e abdica esta Corôa em seu Augusto Filho a 7 de Abril de 1831. Parece que o Senhor D. Pedro não queria o Poder senão para ter o raro, mas para S. M. I. muito doce prazer de o abdicar em seus Filhos. A

(*) Deuth. C. 31 v. 7.

mesma generosidade com que abdicára a Corôa de Portugal sem prover á sua sustentação e dos Príncipes seus Filhos, sem prevenção para acontecimentos que não eram senão muito possiveis, com a mesma generosidade, desinteresse abdica a Corôa do Brasil. Nunca existiu um Principe que tivesse tão illimitada confiança na generosidade e bom senso dos Povos. S. M. I. sahe do Brasil com a Rainha, com sua Augusta e Virtuosa Esposa e com poucos creados fieis, que se offerecem a acompanhá-lo.

O mesmo homem, o mesmo filosofo no Throno e na vida privada, S. M. I. faz as delicias e o espanto de todos os que tem a fortuna de ve-lo e tratá-lo. A restituição do Throno á Rainha, a Liberdade dos Portuguezes, a salvação da Patria em que nascera estas as idéas que occupavam a Imaginação do Heroe, sem todavia tomar uma resolução deffinitiva ácerca da maneira de intentar e poder levar ao fim esta nobre e gigantesca empreza. Mas estas mesmas idéas mais e mais vigoram e levam o Principe a tomar uma deffinitiva resolução, quando nas aguas do Fayal sabe que os bravos da Terceira, capitaneados pelo seu invicto general embarcados em pequenos botes de pesca, luctando com as empoladas ondas daquelle archipelago, arrancavam das garras da usurpação todas aquellas Ilhas. Exforços mais que humanos, dedicação mais nobre que a de Mario, firmeza superior á dos deffensores dos Termophilas, denodo e valor acima das falanges Macedonias e Romanas persuadiram a S. M. I. que os Portuguezes queriam ser livres, que eram dignos de o ser, e que finalmente em deffesa da Rainha e da Liberdade darão as suas vidas. S. M. I. chega á Europa e toma o Excelso Nome de Duque de Bragança. Os Portuguezes exultam, reanimam suas esperanças, recordam-se do glorioso anno de 1640 em que caiu pelos esforços de nossos paes o jugo da usurpação, e esperam o restabelecimento do Throno da Rainha e da Liberdade Portugueza. O Duque de Bragança colloca-se á frente da emigração, e declara franca e lealmente aos Potentados da Europa, que na unica qualidade de Pae e Tutor de V. M. F. vai reivindicar

para V. M. F. o Throno que lhe havia doado, e a Patria e a Carta para os Subditos de V. M. Que heroica resolução! Mas, Excelso Principe, acaso não sabeis que vos faltam todos os recursos para tão grande empreza, menos o vosso valor e o dos Subditos da Rainha? Acaso ignorais que a usurpação tem oitenta mil homens em armas, oitenta mil soldados, preparados d'antemão contra a causa da honra e da virtude por uma serie não interrompida de embustes, aleives e falsidades? Por ventura vos é desconhecido que as costas de Portugal estão guarnecidas de reductos, baterias e fortalezas, deffendidos por homens fanatisados, que julgam servir a Deus se repelirem e matarem o temerario que ousar chegar-se áquellas praias? Não sabeis finalmente que o povo enganado por falsos sacerdotes está conjurado contra os deffensores da Rainha, como contra inimigos de Deus e da Religião?

Tudo isto sabe e conhece o Heroe, mas Elle tambem sabe qual é o valor e a coragem de Cidadãos livres que peleijam pela sua consciencia e pela Liberdade. Sabe que a força numerica dos Exercitos pode impor á multidão, mas que ella nada tem a fazer contra a disciplina das tropas regulares, nem contra o valor e pericia da officialidade e dos generaes. Conhece muito bem o Heroe a superioridade que tem o soldado que se bate pelos seus direitos e pela sua Patria, sobre o soldado, que não conhece outros direitos que a paga pela qual vendera seu sangue, honra e consciencia. Principe Religioso conhece que Deus não abandona a causa da justiça e da innocencia, quando os que a deffendem empregam os meios a seu alcance. O Grande Pedro resolve salvar a sua Patria, esta nova espalha-se por toda a Europa, Sua Firma garante os emprestimos, sua coragem vence e corta todas as difficuldades, os homens livres de todas as Nações simpatisam com a Causa Portugueza e todos fazem ardentes votos pela prosperidade das armas da Rainha.

Chega o dia 25 de Janeiro de 1832, e o Excelso Libertador dos Portuguezes lá se desprende dos braços da mais querida das Esposas, lá se despede, Se-

nhora, de V. M. F. assegurando-a de que ou salvará das mãos da usurpação o Seu Throno, ou acabará sua vida nessa gloriosa empresa. Chega ao berço onde dorme a innocente, a querida Princeza Amelia, que não contava dous mezes de nascida, e que vira a luz do dia em Pariz quando o Duque de Bragança seu Pae presidia em Nome de V. M. F. a nossos destinos. Que forte impressão fazem sobre sua alma estes queridos objectos de que se separa, que por ventura não tornará a ver..! Oh Ceos! o Heroe sae á pressa da presença de tudo quanto possuia de mais caro, atravessa de Pariz a Nantes cuberto das bençãos e dos votos de todos os homens livres. Principe Religioso em Nantes confessa-se e communga, parte para Belille, e alli um quadro agradavel á sua grande alma se lhe apresenta. Os Emigrados Portuguezes, dispersos por França, Italia, Allemanha, Paizes Baixos, Belgica e por toda a Europa, e que arras-tavam na dor e na indigencia os miseros restos de uma existencia pesada e desditosa, chorando dia e noute pela querida Patria, ouvem que o Duque de Bragança vai salva-la, vai tirar os Portuguezes dos penhascos do Archipelago dos Açores, vai leva-los a Portugal e alli peleijar a guerra da Liberdade. A toda a pressa devorados pelo fogo sagrado do amor da Patria saem dos seus retiros, não hesitam um só momento, não fazem calculos de especulação, salvar a Patria, ou morrer por ella eis o seu motu, partem para Belille, vendem suas roupas, seus vestidos para fazer as despezas da jornada, quasi todos a pé, muitos descalços, quasi nus; illustres officiaes, que tem em seu corpo honrosas cicatrises das feridas que receberam na guerra peninsular; venerandos Magistrados, respeitaveis Ecclesiasticos, grandes negociantes e proprietarios, artistas, lavradores, todos se apresentam ao Excelso Duque, e como os Egypcios ao filho de Jacob lhe dizem = Senhor nossa saude, nossas forças, nosso sangue, nossas vidas, assim como nossas familias, bens e esperanças estão nas vossas mãos. Senhor levai-nos á guerra, não nos recuseis porque nossas faces escalidas, nossos membros debilitados não vos affiançam o valor do nosso espirito.

Senhor, é a fome, são os trabalhos que temos soffrido pela causa da Rainha e da Liberdade. Levai-nos á guerra, conduzi-nos á Patria e ver-nos-heis quaes leões cair sobre os escravos. Levai-nos á guerra e nós serviremos fielmente á Rainha. *Salus nostra in manu tua est, respiciat nos tantum et læti serviemus Regi* (*).

Patria, querida Patria, se nesses dias de dor e de amargura um diluvio de crimes vos cobriu com escandalo do mundo, consolai-vos, porque tambem outros filhos vossos praticaram virtudes heroicas, obra-ram acções e feitos de tanta magnitude e nobreza que excedem tudo quanto de illustre, nobre e distincto se praticou entre nós des do berço da Monarchia. A' vista de similhante quadro o Heroe agradecido e consternado recebe, acolhe a todos como Pae benigno, como Amigo fiel, e agradecendo-lhes em Nome da Rainha tão generosos esforços, dá logo as ordens mais positivas para que sejam alimentados e conduzi-dos aos Açores. A bordo da Fragata Amelia o Heroe Portuguez pública esse Manifesto que será em todos os tempos um monumento perpetuo dos direitos de V. M. F., da justiça e generosidade de seu Augusto e lamentado Pae, da sua filantropia, e dos nobres sentimentos de sua grande alma. S. M. I. escreve a todos os Soberanos da Europa, e lhes envia aquelle Manifesto. A intriga emudece, desvanecem-se as desconfianças, que alguém ousára conceber das verdadeiras intenções de tão grande Principe, e a politica não se atreve a impedir um projecto o mais nobre, o mais justo, e por ventura o mais temerario que os seculos viram. A 10 de Fevereiro a pequena Esquadra levanta o ferro, solta as vélas e caminha ao Archipelago dos Açores. O Ceo quer provar por todos os modos a constancia e o valor do Principe, e uma furiosa tempestade parece querer engolir nas ondas as ultimas esperanças de Portugal. O Heroe não se abala, é inalteravel, consola e anima a todos, corre a todas as partes, e desenvolve, com admiração de todos, conhecimentos de nautica, mais que ordinarios. No dia 21 avista a Ilha de S. Miguel, e a 22 salta

(*) Gen. c. 47. v. 25.

em Ponta Delgada no meio dos regozijos e acclamações dos emigrados e dos illustres habitantes daquella respeitavel Ilha. O Libertador dos Portuguezes põe os pés em territorio portuguez para liberta-los no mesmo dia em que havia quatro annos o exterminador da sua especie tinha saltado em Lisboa.

A 27 S. M. I. sahe para a Terceira, onde chega a 28, a Regencia vem depôr a seus pés o Poder, e supplicar-lhe que tome a Regencia em Nome da Rainha, elle a acceita, e os destinos da Rainha são confiados áquelle que lhe dera a Corôa, a liberdade dos Portuguezes é confiada ao Principe, que, quando Rei, lhes dera a Carta, e a Salvação da Patria é entregue ao Heroe, que, quando Principe Real, não quiz pelear contra ella, em fim o Duque de Bragança rege os nossos destinos, e á salvação dos Portuguezes sacrifica tudo. O descanso é negado a seu corpo, o Principe não tem de dia um momento de repouso. Revista um a um todos os soldados do Exercito da Rainha, examina todos os petrechos de guerra, todas as munições, todos os recursos, nada lhe parece pouco. Procura augmentar o Exercito, pede aos paes os filhos, que não lhe são recusados. Corre todas as povoações da Ilha, examina os usos e costumes de seus habitantes, observa seu terreno, os fructos que produz, os recursos que pode dar. Projecta melhoramentos que promette realisar. Ao mesmo tempo discute com seus Ministros sabias leis que devem pôr em execução o sagrado livro da Carta que dera aos Portuguezes. Extingue os tributos que pesam sobre o pescado, e vai elle mesmo levar aos pescadores esta alegre nova, que elles julgavam sonho. Prepara as reformas da justiça e do clero, e ao mesmo tempo regula e organisa os corpos do exercito. Consulta a cada momento os generaes e os officiaes mais intelligentes na arte da guerra. Vai uma vez á Ilha de S. Jorge abraçar os emigrados que se acham ali. Vai duas vezes ao Fayal avivar com sua energica presença os trabalhos do arsenal. Solícito por tirar daquelles rochedos os defensores da Patria, dá elle mesmo o modelo das barcas para o desembarque. Tantos trabalhos, tanta affabilidade, tantos exforços lhe ganham

o coração e o amor de todos os subditos de V. M. F. Passa outra vez á Ilha de S. Miguel, e ali faz reunir todas as forças de mar e terra que devem formar a expedição. Estabelece o Governo que deve ficar nas Ilhas, toma todas as medidas para defeza dellas. Pública as leis das reformas judicial e ecclesiastica, passa em revista os seus soldados, e maravilha-se de ver o Batalhão sagrado composto todo de officiaes, que não tendo logar no pequeno exercito, formaram um corpo respeitavel, e não duvidaram alistar-se soldados, para com a espingarda salvarem a Patria.

O Heroe Portuguez decreta para o dia 22 de Junho de 1832 o embarque das tropas. Quando neste dia memorando a aurora despontou nos horisontes já o Excelso Neto de Affonso Henriques se achava no campo rodeado dos Generaes e Estados Maiores, e formado em ordem de marcha o Exercito da Rainha. Em frente estava no meio do campo o Sagrado Altar de Jesus Christo, e ao nascer do Sol o Ministro da Religião celebrou o Augusto Sacrificio da Missa, e em Nome do Deus de nossos Paes abençoou o Principe e o Exercito Libertador. Acabada a Sacrosanta Ceremonia o Principe fallou ao Exercito. Rosto affavel, serenidade de espirito, simplicidade de dicção. Propõe-lhe a gloria que lhe cabe de salvar o Throno, restitui-lo á Rainha, tornar livre a Patria, quebrar os ferros aos seus concidadãos, não lhe occulta os perigos, declara-lhe a difficuldade da empreza, e conclue que elle vencerá ou morrerá com elles. Taes expressões augmentam a coragem natural das tropas, vivas á Rainha, á Carta, á Patria, ao Regente ao som das musicas retumbam nos ares, e o éco responde com as vozes do Povo os mesmos vivas. Tres dias successivos durou o embarque, e o Principe infatigavel desenvolveu tanta energia que admirou a todos. S. M. I. acompanhou a bordo cada um dos corpos, viu accomodar os soldados, observou as provisões que tinham, nem lhe esqueceu examinar a agua. Se um transporte se desgarrar, se nos horisontes se perde, lá fende as ondas o Grande Principe, lá o encontra e o traz ao porto. Todas quantas difficuldades se apresentam o Heroe Portuguez com energica resolução as

corta todas. Pasmam os Generaes, admiram-se os Ministros, o soldado encantado não se farta de vê-lo. No dia 27 a expedição solta a véla, a 8 de Julho desembarca nas praias de Mindello á vista das forças rebeldes, que pasmadas de tanto valor, nem se atrevem a disputar o desembarque, não disparam um tiro. A 9, Senhora, as Bandeiras da Liberdade tremulavam em todos os Baluartes da Heroica Cidade no meio dos vivas dos habitantes do Porto!!!

O Porto recebe o Libertador de Portugal! O Dador da Carta! O Principe Filosofo! Ah! Roma nos dias de sua gloria não recebeu os seus libertadores com tanta cordialidade, com prazer tamanho. Povo Classico da Liberdade! Cidade Eterna, Heroica, Fiel tu vas eclipsar a nunca murchada gloria de Saragoça e Numancia. Teus filhos, ó Porto vão ser, conduzidos pelo Grande Pedro um Povo de Heroes. A fama vai publicar a tua gloria de envolta com a do Principe amigo dos homens. A historia levará á posteridade coroados de louros com o Nome de Pedro o Nome do Porto. Uma palavra do Excelso Duque, tanto basta — Eu não deixarei o Porto. Aqui hei de pelejar com os Portuenses e o Exercito Libertador a batalha da Liberdade. Aqui restituirei o Throno a Minha Augusta Filha e a Carta aos Portuguezes. Portuenses aqui vencerei ou morrerei com vosco debaixo das ruinas da vossa Cidade » Diz e todos os habitantes do Porto já são soldados! Uma só voz se ouve, *Rainha e Carta ou morte*. As forças da usurpação fogem da esquerda do Douro logo que algumas companhias passam o rio. O Principe Guerreiro não as segue, reconhece os tramas e ardiz da facção, prepara-se no Porto, seus filhos lhe offercem todos quantos recursos podem. A 22 de Agosto o general rebelde ousa atacar em Valongo nossas avançadas, o Principe voa a Rio Tinto, reúne suas forças e no dia 23 quinze mil rebeldes são vencidos e postos em vergonhosa fuga por cinco mil soldados da Rainha em Ponte Ferreira commandados pelo Neto Illustre de D. Sancho Manoel. Com quanto valor, com qual coragem o Excelso Duque de Bragança vê esta porfiosa lucta, este encarniçado combate,

com qual presença de espirito dá suas ordens, com quanta caridade consola os feridos, com quanto disvello os recommenda aos facultativos, com que expressões lhes agradece os sacrificios feitos á Patria e á Rainha pode sentir-se, pode ver-se mas não é possível descrever-se. Neste dia um valeroso official, crivado de feridas, luctando com a morte, exprime ao Principe, que só sentia não ter mais sangue, não ter mais vidas para sacrificá-las a tão nobre causa!

No dia 24 o Heroe volta Triumfante com o exercito ao Porto a remediar os males de uma surpresa, de que fora victima um dos vossos subditos, Senhora, mais fieis e illustres. Elle foi illudido, e sua memoria deve ser em benção: e se de tanta fidelidade fosse mister mais uma prova, em vossa defeza deu a vida nas linhas de Lisboa. Lá arde ás mãos do fanatismo religioso o convento de São Francisco do Porto, a fim de que os illustres soldados do Batalhão de Caçadores N.º 5 fossem devorados pelas chamas. O fanatismo sedento de morte e sangue abandonára ás chamas a Santa Eucharistia, d'onde foi tirada por dous illustres Militares o neto de D. João de Mascaranhas, e o Conde de S. Leger. A usurpação raivosa de ver frustrados seus planos poz em pratica suas armas favoritas, as armas dos escravos. Insultos, blasfemias, peitas, seducções, calumnias, desacatos, traições, todos quantos baixos e ignobeis meios pode inventar o crime conduzido pelo fanatismo religioso e politico. Tudo se põe em pratica contra a vida do Principe, que confiado em Deus e no valor dos Portuguezes nada receia, nenhuma cousa teme. Cortam-se todos os recursos. V. M. F., Senhora, havia sacrificado todas as suas joias para que nada faltasse a seu Augusto Pae e ao Exercito. A Excelsa Filha do Heroe de Italia a incomparavel Duqueza Amelia havia sacrificado todas as preciosidades, para que o querido Esposo e o Exercito fossem soccorridos, e ao Principe Guerreiro nunca faltaram os sabios conselhos da Illustre Princeza. O Duque de Bragança é inabalavel em seus projectos, o Porto, os Generaes, as tropas em nada lhe faltam, pelos exforços dos Ministros do Principe de muitos dos pontos do Reino, op-

quem é?
será D. Thomaz
mar. Manoel
recoher.?
M. Manoel
f. elogia á
Camel. Manoel?

idem?
Bralho

pressos com o peso da usurpação, mesmo com o cadafalço á vista, se enviam os soccorros possiveis, e votos se fazem pelo triumpho e victoria da Causa da Honra.

Reunira o Usurpador todas as suas forças. Chama contra o Porto todos os escravos. Elle lhes promette o que os escravos amam, *carnage e roubo*. Lá sobem ao Porto essas hordes de entes immoraes de todas as classes. O refugo, a escoria dos habitantes do Guadiana, do Sado, do Téjo, do Alto Douro, do Minho, de toda a parte vendidos escravos, sequiosos de sangue e de rapina voam á foz do Douro. Aniquilar a Cidade, que dera o nome á Monarchia, eis um projecto digno do senhor e digno dos servos. Entes brutaes exultam dizendo: *nada de liberdade, nós seremos escravos*. Nada receia o Heroe. Suas Mãos Augustas, que dous Sceptros empunharam, agora pegam no picão, na enchada. O Grande Pedro traça a primeira e segunda linha de defeza, e alegre o magestoso semblante, diz aos Generaes e Soldados „na Praça Nova é a terceira linha. Se perdermos as outras aqui morreremos. „ Des de 8 de Setembro de 1832 até 18 de Agosto de 1833 contra estas linhas se despregam todas as forças da usurpação, e todas as forças da usurpação se quebram, e são vencidas na presença destas linhas! Destas linhas? Pequenas sebes, são profundos regos! A Presença do Duque de Bragança, os peitos dos Soldados e dos Habitantes do Porto, estes Senhora os baluartes invenciveis que vencem os marechaes de França, que prostram as hordes mercenarias, que as ferem de morte. Quebram-se os bastões dos marechaes de França, que esquecidos de sua passada gloria não tiveram pejo de vir sustentar a causa da escravidão contra a Liberdade, e de um perjuro, contra uma joven e innocente Rainha! Tantas vezes, Senhora, as Linhas do Porto foram atacadas, quantos foram os dias de gloria para Vosso Augusto Pae, para o Exercito Libertador e para a Heroica Cidade.

Tambem não houve barbaridade, ignominia, ferocidade e vexame, que os inimigos da Patria não pousessem em pratica contra o Principe Libertador,

seu Exercito e a Heroica Cidade. Por espaço de nove mezes pode dizer-se, que uma abobeda de ferro e fogo se quebrava sem interrupção sobre a Heroica Cidade levando a morte e a destruição por todos os bairros e ruas. Os Hospitales onde se curavam as victimas da Patria, muitas vezes de envolta com os prisioneiros feitos aos rebeldes, estes asilos respeitados de todos os povos, os Templos de Jesus Crucificado, o mesmo Santissimo Sacramento quando levado aos enfermos, mulheres inermes, tenras crianças eram os alvos preferidos para seus tiros e pontarias!!! O Principe, o Exercito e o Povo comeram o pão amassado com sangue dos que iam busca-lo debaixo de horrivel e medonho fogo, regado com lagrimas das viudas e orfãos dos que morriam nesta nobre empreza. Não refiro estes factos, Senhora, para que sejam punidos os culpados, antes eu peço perdão para todos os peccadores. Mas porque o Augustissimo Pae de V. M. F. extinguiu os dizimos, não só para fazer resuscitar a agricultura, mas punir o escandalo do Sanctuario, cumpre que não se ataque o Heroe, que tinha contra os inimigos de V. M. F. o direito da espada, e só os puniu, não querendo que comessem a gordura da terra, em Nome de Deus, os verdadeiros inimigos da Religião, o Principe estava certo de que ao Sacerdote digno, ao Pastor zeloso e caritativo nunca falta o decente sustento. Em fim as trincheiras do Porto que os inimigos nunca poderam entrar foram entradas por esse flagello, que des dos extremos da Asia assolou toda a Europa, e nos causou terriveis embarços, de que a sabedoria e a caridade do Principe Libertador, por sabias e oportunas providencias, nos livrou. Os Ministros do Excelso Duque fizeram esforços mais que humanos para sustentar o Exercito, e fornece-lo de tudo, elles o conseguiram. Os Generaes e Commandantes dos corpos fizeram esforços, mais que humanos, para conservar a subordinação e disciplina no Exercito, no meio de tantas privações, e elles o conseguiram. Mas quem não faria todos os esforços para imitar um Principe, que dava o exemplo de frugalidade, de economia, soffrendo todos os trabalhos, correndo todos os riscos a tal ponto que pode

dizer-se sem o menor receio de offender a verdade, ninguém soffria que S. M. I. não soffresse primeiro! A Pessoa Augusta do Grande Pedro correu tantos riscos, foi tantas vezes exposta, que os Generaes, a Officialidade, os mesmos Soldados, a Municipalidade da illustre Cidade do Porto lhe supplicaram que não arriscasse sua existencia, pois que perdida esta, perdida ficava para sempre a Causa da Rainha e da liberdade. Assim o Exercito dizia ao Rei David, não, não arrisqueis vossa vida, para não vermos extincta a luz que allumia Israel.

Tantos sacrificios, tantas virtudes civicas, tão completa dedicação á Causa da Patria, tão grande affetto á santidade do juramento não podiam deixar de ser coroados com os louros da victoria. Nos principios de Junho de 1833 chegam á foz do Douro alguns soccorros de gente e munições; vem o Illustre Napier, que deve succeder a Sartorius, que tantos serviços tem feito á Causa Portugueza. Um illustre estrangeiro que se tem votado des dos seus primeiros dias á Causa da liberdade tem revolvido a Europa inteira para que o Grande Pedro seja soccorrido (*). O Heroe Portuguez faz sair logo do Porto uma pequena Divisão auxiliadora, que desembarcando em qualquer ponto maritimo, possa fazer uma diversão ás forças do inimigo. Lá vai, lá se embarca o Duque da Terceira, a pequena Divisão debaixo de medonho fogo sahe das linhas, Napier commanda a Esquadra, o Ceo abençoa esta empreza. Dous dias depois o Estandarte da Rainha tremúla nas Berlengas e nos Fortes de Peniche — mais quatro dias, e todo o Algarve tem proclamado o Governo de V. M. F., e as Bandeiras da liberdade estão arvoradas em todas as Fortalezas. Nas aguas do Cabo de São Vicente a 5 de Julho o destemido Napier ataca e apreza toda a Esquadra do Usurpador, em quanto o Duque de Bragança repelia no mesmo dia os repetidos ataques feitos ao Porto pelas forças da usurpação, commandadas por Broumont. Do Algarve ao Têjo marcha com a rapidez do raio o Duque da Terceira, e em Caci-

(*) Mendizabal.

lhas no dia 23 de Julho vence, derrota a Divisão inimiga, commandada por esse monstro humano, de quem não repetirei o nome, para não offender a Magestade Augusta destas Religiosas Honras. O malvado perde ali a vida, a humanidade respira, a justiça folga, e o sangue puro de tantos martyres é vingado.

Lisboa, a valorosa Lisboa, que vezes mil pretendêra sacudir o jugo, que sempre infeliz, víra frustrados os planos, cair seus filhos debaixo do cortante ferro do algoz deshumano, faz um nobre esforço, sacode o peso da escravidão, e proclama Rainha e Carta, antes mesmo de saber o resultado feliz das armas da liberdade. O victorioso Marechal atravessa o Téjo, na Capital da Monarchia se estabelece o legitimo Governo. As hordes rebeldes retiram-se, fogem atterradas do grito da liberdade. Os Lisbonenses armam-se, e sustentam o Governo Livre da Augusta Soberana. O Duque de Bragança recebe esta fausta nova no dia 25 de Julho quando começava a repousar das enormes fadigas desse brilhante dia, em que vinte mil escravos accometteram doze vezes nas linhas do Porto a Quinta de Van-Zeller, e doze vezes na presença do Augusto Principe foram repellidos, destroçados, vencidos. Dia brilhante, em que o Exercito Libertador e seus Generaes juntaram aos antigos novos louros. Dia em que as hordes da usurpação fugiram clamando, como n'outr'ora os incircumcisos dos filhos de Jacob = Fugamos, fugamos do Porto, Deus defende a Causa da Rainha.

No dia 26 o Principe falla a todos os corpos do Exercito, diz-lhe que a Capital da Monarchia necessita da sua presença. Lembra a cada corpo as brilhantes acções os nobres feitos que tem praticado, entrega o commando do Exercito ao Illustre Saldanha, despede-se do Porto, as lagrimas correm dos olhos de todos, o Grande Pedro promette tornar a ve-los, trazer-lhes a Rainha, Elle o cumprirá. Embarca com o Governo e no dia 28 o Tejo o vê desembarcar em suas praias. A gloria, o prazer deste dia pode sentir-se não é possivel descrever-se. As serras de uma e outra margens do rio apparecem cubertas de Portuguezes illustres, o rio apinhado de

povo, parecia uma vasta planície, ou extenso campo cheio de gente. Uma só voz se escutava nascida do coração de todos. Rainha, Carta, Pedro...! Dia de gloria quão rapido correste, e quão depressa o lucto nos cubriu a todos! O Religioso Principe voa ao Templo de Jesus Christo, e com os subditos da Rainha dá graças ao Altissimo. Sua alma nobre, seu coração bom acolhe a todos, a todos recebe. Ensinado pela experiencia não socega um só momento. Sua confiança no Ceo é razoavel e reflexa. S. M. I. emprega, sem perder um momento, todos os recursos, que lhe offerece a Capital, os Lisbonenses se armam, vinte Batalhões se formam, fortifica-se Almada, o Principe traça as obras de defeza. Suas Augustas Mãos outra vez pegam na enchada, levantam-se as linhas de Lisboa, e em quanto no Porto os rebeldes são batidos a 18 de Agosto, a 5 de Setembro são repellidos, e fogem vergonhosamente das linhas de Lisboa ainda incompletas. Tanto valor do Principe e do Povo Portuguez excede a tudo quanto víra o mundo.

O Principe sem largar a espada, sem suspender os exercicios e cuidados da guerra, assiste aos Conselhos de seus Ministros, discute as leis, decide os negocios, promulga os decretos, alevanta libertada a agricultura moribunda, enfreia do fanatismo a soberba raiva, corta os vinculos, que uns aos outros prendem, e todos ao estrangeiro os asilos, de que a malicia abusára em ruina da patria. Aplaina o terreno por onde a liberdade deve marchar com desafogo sem estorvos e obstaculos. Suas vistas de piedade e filantropia se estendem a Misericordias e Hospitaes, confia a Administração a homens virtuosos. O Heroe invicto, o Principe justo, não quer que corra o sangue dos inimigos da Patria, nem sua alma generosa consente que vão habitar presidios ou carceres, mas sua justiça não lhe permite que a Nação sustente rebeldes ou ociosos, inimigos da ordem. Esse edeficio que ElRei D. Manoel levantára em Belem nos dias de sua gloria, recebe, educa e sustenta os orfãos desvalidos, destina-lhes rendas. Apparecem asilos de primeira infancia, nada escapa á sabedoria do Regente, do Pae da Patria. Senhora, no meio do estrepito das

armas, nenhum Soberano concebeu e executou tão vastos projectos a beneficio da humanidade. O Augusto Pae de V. M. F. reuniu em si as virtudes todas de tantos Monarchas, que em epochas diversas regeram os destinos dos Povos, a todos excede em energia e bondade.

O dia 22 de Setembro enche de satisfação a grande alma do Heroe Portuguez. O Ceo o recompensa n'esse dia de seus trabalhos e fadigas. Dia de triumpho e gloria para todos os Portuguezes. O Principe Libertador tem o doce prazer, a grata consolação de apertar em seus braços as Filhas queridas e a Esposa adorada. Foi este um dia de Festa Nacional, e o será no provir por todos os seculos. Parece-me, Senhora, estar ainda ouvindo a voz magestosa de seu Augusto Pae, abraçando a V. M. F., a sua Excelsa Mãe, e á jovem Amelia, Irmã de V. M. — *Já, diz o Duque de Bragança, já morrerei alegre, porque meus olhos tornaram a ver objectos tão caros.* Mas é tempo de acabar a lucta, é tempo de pôr termo ao crime. O Heroe não pode ver os Portuguezes rebeldes cercando Lisboa. Não pode soffrer em presença da Rainha um exercito prejuizo, cumprê extinguir e castigar tão grande escandalo. Chama do Porto alguns corpos, o Principe faz justiça á Heroica Cidade, conhece o valor e denodo de seus filhos. Reune em Lisboa quasi todo o Exercito. No dia 10 de Outubro ordena aos Marechaes atacar os rebeldes, e atirar com elles para longe da presença da Rainha. Diz, e essas hordes armadas são levadas no dia 11 nas pontas das baionetas até Santarem, ali os conserva como encerrados a nossa brava gente commandada por Saldanha. A victoria segue por toda a parte a Causa da Justiça, os louros adornam a magestosa frente do Excelso Principe. Aos Nomes de Rainha, Carta, Pedro tremem os escravos a usurpação baqueia. Já soa a hora extrema do crime, mas ó desgraça! Tambem se aproxima a hora extrema do Heroe! O Heroe vai dar suas ordens.

O Algarve pede soccorro contra os rebeldes, o Heroe lhe envia o illustre Sá da Bandeira que conserva o Algarve á Rainha. Pico de Celeiro com a

guarnição do Porto desaloja os rebeldes de suas fortíssimas trincheiras. O intrepido Napier com um punhado de marinheiros escalla as muralhas de Caminha, de Vianna do Minho, entra na Figueira. Saldanha cobre-se de louros em Almoester, o Duque da Terceira voa ao Douro e vem limpando as provincias de vandalos; soltam-se os presos de Almeida, desce á Beira baixa, chega ao Tejo e na Asseiceira dá na usurpação o golpe decisivo. O Heroe Portuguez vê cumpridas suas ordens, vai pela decima vez ao Exercito, entra em Santarem donde os escravos espavoridos fogem com seu senhor. O Duque de Bragança ordena aos Marechaes que sigam os rebeldes e acabem a lucta. Cumprem-se, como sempre, os mandatos do Principe, nossas Tropas triumphantes passam o Tejo. Os rebeldes entram em Evora, Saldanha se aproxima vai descarregar o golpe fatal, mas os infelizes gritam = *misericordia!* A esta voz o General recua surpensa no ar a espada. Conhece o Coração do Pae da Patria, não quer sem consulta-lo passar ávante. Consulta o Principe, leva á sua Presença o grito de *misericordia*. *Misericordia* responde o Tito Portuguez. Lá sae pela barra de Sines, cuberto das maldições do povo a causa execranda de nossos males. A paz é dada á Nação. A lucta finda. O Governo Constitucional da Rainha é estabelecido no continente e nas provincias do ultramar, e a morte alçando o braço assigna-la logo o Grande Pedro por victima sua. No dia do seu maior triumpho, o Heroe conhece como o sabio, que todas as glorias do mundo, não são outra cousa que vaidades, *vanitas vanitatum et omnia vanitas*. O Guerreiro generoso, no dia da sua maior gloria, soffre o mortal desgosto de que todos os Portuguezes que elle libertára, não partilham a nobre generosidade de sua Alma, nem a bondade do seu paternal Coração.

A' pressa, e como quem receia não ter tempo de rematar sua obra, de cumprir suas promessas, publica leis, que um pouco mais tarde não veriam a luz do dia. Manda proceder ás eleições dos representantes da Nação e assigna o dia do Augustissimo Nome de V. M. F. para a Sessão Real. Contra o pa-

recer dos medicos e ministros vai ao Porto apresentar-lhe a Soberana, e a Esposa querida, vai despedirse do Porto. Volta a Lisboa, abre o Parlamento Portuguez e falla á Nação como a filhos queridos um pae terno e extremoso, dá-lhes contas da sua administração, com aquella franqueza e serenidade que só é divisa do homem de bem. A Nação o nomeia seu Regente para governar Portugal na minoridade da Rainha. Nenhuma restricção ao poder que em Suas Mãos Augustas se deposita. Qual restricção podia por-se ao Libertador da Patria? A Nação o authorisa para casar a Rainha com um Principe da sua escolha. Pedro o ellege, e lhe dá sua Espada invicta. A Alma generosa do Duque de Bragança é sensivel a estes nobres testemunhos da confiança publica, que Pedro o Grande merece, mas que nem sempre o mundo ingrato costuma pagar. Presta o Juramento... Legisladores Portuguezes, vós o visteis no paço d'Ajuda, vós tremesteis por sua preciosa vida. Vós o visteis acurvado debaixo do peso da molestia. A morte já lhe havia dado o primeiro golpe. O Deus dos Exercitos já lhe tinha dito, não mais gloria te cabe ó Principe. Tanta não foi concedida antes de ti a mortal algum. Está livre a tua Patria. Tu a salvaste. Está libertado o Throno. Acabou o crime. O usurpador ja não pésa sobre a Patria que alagou de sangue. Triumfaste ó Pedro. Basta basta de gloria. Mais que homem te julgam os Portuguezes. Elles vão ver que és mortal. Tu nada mais verás. *Vidisti eam oculis tuis et non trasibis ad illam.*

Vejamos o Heroe no leito da morte.

S. M. I. o Sr. Duque de Bragança, tendo sido um Principe perfeito; um Soberano justo; um Guerreiro generoso, foi sempre em sua brilhante vida um Principe religioso. Em todas as circunstancias, em todos os acontecimentos favoraveis ou adversos o sentimento religioso, que puro e sem excesso ou defeito habitava em seu coração appareceu sempre aos olhos de todos. Vós, Senhores, o tereis notado na serie de sua magestosa Carreira. O Sr. D. Pedro IV era um Philosofo Christão, que não soffria accrescentar ou diminuir uma só virgula ao Codigo Sagrado dos

Dogmas Revelados. Suas acções, suas emprezas eram sempre confiadas á protecção do Ceo, dirigidas a Deus. Se S. M. I. aborrecia o hypocrita, detestava o fanatico, não amava o supersticioso, Elle era Tolerante com todos, respeitava a liberdade de consciencia, como um direito sagrado do homem, uma vez que se respeitasse a moral publica. S. M. I. não intrevinha na consciencia alheia. O Heroe Portuguez pressente avisinhar-se sua hora extrema, deixa aos medicos que o tratavam o cuidado de sua saude. S. M. I. procura sem interrupção desembaraçar-se de todas as cousas terrenas, para dar-se todo a Jesus Christo seu Redemptor. Eu desejava, Senhora, que todos os subditos de V. M. F. podessem ter visto quanto nesses dias de dor e amargura se passou na Camara Imperial do Paço de Queluz, onde vosso Augustó Pae terminou seus preciosos dias, a fim de que Portugal e o mundo conhecessem a malicia e preversidade dos seus inimigos, que não tendo elles mesmos religião alguma, ousaram malvados calumniar o religioso Principe. Mas se isto não foi possivel, a Authoridade de V. M. F., de sua Augustissima Mãe, de tantas pessoas respeitaveis e illustres são bastante testemunho da religião do Heroe Portuguez, nunca desmentida em sua vida brilhante.

Esposo querido, Pae extremoso, Amigo fiel, ah! seu coração meigo, docil, terno começou a ser ferido de dor e saudade, porque ia largar objectos caros á sua grande alma, e esta dor, eu vos asseguro, foi tão forte, tão cruel, e tão acerba, que só na Religião que professava, só em Jesus Crucificado achou lenitivo. Deixar o poder, abdicar Corôas, descer dos Thronos, sacrificar bens, arruinar a saude em defeza dos homens, arrostar perigos, e em fim jogar a vida para salvar o Povo, nada, nada custava ao amigo dos homens. Sua alma forte arrostava todos os perigos para tornar feliz, para libertar da tyrannia o seu semelhante. Mas largar, e largar para sempre uma Esposa querida, que elle ama, e de quem é adorado; perder Filhas queridas que faziam suas delicias, e cuja existencia fizera sempre a doce consolação de sua tempestuosa vida; não poder ver, não ter tempo

de abraçar os Filhos adorados de que está separado por quasi duas mil legoas; deixar, separar-se de amigos fieis que o Heroe tanto amára, e dos quaes fôra sempre amado; corações sensiveis, almas ternas, que sentis as delicias da vida social, fazei, fazei justiça ao Heroe se elle soffre, e se de seus olhos o amor, e a amizade arrancam lagrimas.

No dia 17 de Setembro a Augusta Esposa, a Excelsa Rainha conhecem a desgraça de que Suas Magestades e a Nação libertada são ameaçadas, recorrem a Deus, pedem-lhe soccorro. Já na Imperial Camara se levanta o Altar da Religião, o Sacrosanto Sacrificio do Filho de Deus é offerecido ao Altissimo pela saude e vida do Pae da Patria, e ali o Pae, a Esposa, a Filha commungam e recebem o Pão dos Anjos. Que alma dura, cruel, insensivel poderia ver sem lagrimas este terno quadro, sem que de dor de amargura sentisse partir-se o coração. Ajudantes de Campo do Principe Guerreiro, illustres e fortes Varões, Criados da Rainha e do Excelso Duque, dizei, contai vós mesmos qual foi a vossa dor e amargura, quando visteis o Excelso Pedro, fortalecido com o Pão dos Anjos, cruzar sobre o amargurado peito as Augustas Mãos, e fixando os olhos no Signal Sacrosanto da Redempção do mundo, exclamar com valor e coragem: Meu Deus, eu sou o mais ditoso de todos os homens. Regi dois Povos, libertei-os da escravidão, meu coração não foi vendido aos bens da terra. Vós me deffendesteis dos meus inimigos. Elles não triumpharam de mim. Agora que me chamais a Vós, que ides pôr termo á minha existencia, Vós me dais tempo para salvardes a minha alma. Bem-dito sejais, Senhor, *Sit Nomen domini Benedictum.*

A mesma energia no leito da morte que tivera em toda a vida, no mesmo dia faz, assigna, e quer se approve o seu Testamento. O mesmo desinteresse que sempre tiverá ácerca de Sua Augusta Pessoa, o mesmo exprime ácerca da Esposa querida e da joven Amelia filha adorada. O Grande Pedro tendo-as recommendado a V. M. F. entrega, confia á generosidade da Nação Portugueza estes caros objectos da sua dilécção. O Principe, ó Principe vós fazeis jus-

tiça á Rainha e á Nação, não vos enganais. A Espôsa, a Filha do Libertador da Patria pertencem á Patria e sagrados objectos serão sempre a todos os Portuguezes. No dia 16 tinha o Principe fallado em largar a Regencia, eu já vos disse que o Heroe Portuguez não ambicionava o poder senão para ter a rara e doce satisfação de o largar das mãos. No dia 18 escreve ao Parlamento e diz-lhe que seu estado de saude não lhe permite reger os destinos de Portugal, que sabiamente dessem as Camaras promptas providencias sobre um objecto tão importante, quanto dependia d'elle a salvação da Patria. O' Principe Generoso o amor da terra em que nascesteis, não vos desampara no leito da morte. As Camaras, como por inspiração declaram, Senhora, a V. M. F. Maior para começar logo a reger de facto nossos destinos que de direito regia. Quem podia succeder a Pedro, ao Heroe, senão a Augusta Filha do Libertador da Patria? O Principe sanciona o decreto, larga o poder, e recommenda a V. M. F. que faça feliz este grande Povo, que nunca o governe pelo arbitrio ou capricho, mas sim pela Lei que havia dado á Nação e por esta jurada. Concidadãos meus, a nossa Soberana, de joelhos diante do Excelso Pae, tendo as Augustas Mãos nas Mãos do Grande Pedro, entre lagrimas e suspiros lhe responde = *Nunca governarei os Portuguezes pelo arbitrio, mas sim pela Carta, Eu o prometto.* O' quanto exulta a Alma do Heroe, abraça a Filha querida e na magestosa Frente lhe imprime o osculo de paz. Parece-me ver Moyses, investindo no poder a Josué filho de Nun.

O que falta mais ó Deus, ó Povos o que falta mais ao Heroe para desempenhar todos os deveres inherentes ás diversas qualidades em que pode ser considerado? Recommendá á Rainha uma e mil vezes a desolada Esposa, recommenda á Esposa a consternada Filha. Quer ver, quer abençoar a joven Amelia, quer beija-la, a Princeza apparece, olha, vê em semelhante estado o Pae querido, estende a elle os innocentes braços, o Heroe se consterna, abençoa-a, beija-a, consterna-se e a innocente se retira em lagrimas gritando que = o Pae morre! O' dor! O Ex-

ercito occupa sua grande Alma. Aonde, aonde estão os meus camaradas! Que venham, quero abraça-los. O Duque da Terceira, um soldado do Batalhão cinco de caçadores entram na imperial camara. Nunca os perigos, nunca a morte intimidara os bravos. O Duque vê o Principe no leito da morte, treme, descora, não ousa chegar-se. O Heroe o chama, repete-lhe o doce nome de amigo, abraça-o, o Duque lavado em lagrimas beija-lhe a Mão e retira-se O soldado exclama: ó Ceos e porque não morri eu nas trincheiras do Porto? Foi para ver neste estado o meu Coronel (*)? O Principe o abraça e lhe ordena levar esse abraço a todos os soldados.

Recommenda á Rainha as pessoas respeitaveis que em sua sabedoria escolhêra para seu serviço, chama essas illustres pessoas, agradece-lhes seus serviços, e pede-lhes que os continuem. Chama junto de seu leito os Ministros que o haviam servido com zelo e fidelidade des dos dias tormentosos do Porto, delles se despede, abraça-os, e lhes chama *amigos*. Despede-se um a um dos seus Ajudentes de Campo, dos seus criados, dos criados da Rainha, ó que nunca possamos esquecer-nos de tão grande Principe! Ah! Senhores, junto do leito da morte, sustentada pelo amor e pela dor, vê, observa, ouve quanto se passa a Esposa desolada, que nem um só momento o larga em quanto vive. A Excelsa Duqueza de Bragança, presta ao Heroe seu Esposo todos os auxilios, todos os soccorros, todas as consolações. O amor do Povo, o amor que tem á Rainha ainda o conduzem no dia 20 de Setembro a recordar-lhe o vinculo sagrado que vai liga-la ao Povo Portuguez pelo juramento prestado em Côrtes. Confessa-se, recebe os Santos Sacramentos, abraça-se com o Estandarte da Religião, nunca mais o larga. Repete Psalmos, recommenda á Rainha o Voto do Sabbado, que por seu feliz nascimento o Principe fizera. As dores, as angustias da morte elle soffre com paciencia christã, resando Psalmos e invocando a Protecção e o Nome da Mãe dos Peccadores. Convida o seu Confessor a resar com elle.

(*) S. M. I. era coronel do Batalhão de caçadores cinco.

O que falta mais? Perdoa aos seus inimigos, e posto que já não Rege nossos destinos, o Principe faz o que lhe cabe, como Christão pede perdão para todos os peccadores, sinceramente arrependidos. Recordar-se do Porto. O' Porto, o Heroe Portuguez nem nas agonias da morte de vós se esquece. Já desfalecido, já sem poder quasi fallar, faz um esforço, repete á Esposa o nome do Porto, e segurando-lhe a Mão, apertando-a na sua assim lhe diz = *Querida Amelia, quando o meu Coração fôr arrancado do meu peito, mandai-o, Princeza, á Cidade do Porto, eu lho lego, como um penhor eterno da minha gratidão a seus filhos.*

Purificado em fim de todas as faltas pelas dores que soffre, pela resignação e paciencia com que as supporta, e pela absolvição sacramental, que pede e recebe, despojado de todas as grandezas da terra, no dia de hoje ás duas horas e meia da tarde, abraçado com Jesus Crucificado, na presença da Esposa, da Filha, no meio dos gemidos e lagrimas de todo o Povo Portuguez, expira no momento em que o Ministro da Religião convidava os Anjos e Santos do Ceo a receberem sua alma, e conduzi-la diante do Throno do Altissimo. *Mortuusque est ibi, fleveruntque eum omnes filii Israel.* Um anno tem passado, e nossas lagrimas ainda correm, nosso pranto é o mesmo, nossa saudade não diminue.

Senhora, V. M. F. perdeu um Pae, que lhe deu as provas as mais exuberantes do seu amor, da sua generosidade, e da mais nobre dedicação pelo bem estar e felicidade de V. M. Um Pae, do qual V. M. F. deve honrar-se mais, que por descender de tantos Imperadores e Reis, que por muitos seculos tem occupado os Thronos da Europa. Que V. M. F. conserve a grata memoria deste Pae querido, que foi Principe prefeito, Soberano justo, Guerreiro generoso, e Varão catholico e religioso. Que V. M. F. nos governe pela lei que seu Augusto Pae generoso nos deu. Que V. M. F. não consinta que a santa e legitima liberdade que seu adorado Pae nos outhorgou, e para V. M. F. e para nós, revendicou com a sua invicta espada á custa de tanto sangue, de tantas vidas, e

de tão heroicos sacrificios, que esta liberdade não seja deturpada pela licença, nem ferida pelo arbitrio. Que esta liberdade, ainda planta mimosa, plantada pelo Heroe, seja defendida por Vós, Senhora, que sois Filha do Heroe, e nossa Rainha, e vereis que o Throno, em que estais sentada, terá firmeza eterna sobre o livro da lei, porque Vós, Senhora, com a lei estais em nossos corações, e os Portuguezes sustentarão contra todos os inimigos até á morte as dadivas do Heroe — *Rainha e Carta.*

Portuguezes, concidadãos meus, a cada um de nós incumbe auxiliar a Soberana. A' roda do Tumulo, onde estão guardadas com respeito as Cinzas do Libertador, na presença da Rainha, deponde os odios, as vinganças, as paixões, o espirito de partido. Deixai de chamar crimes aos erros, traições aos enganos, atrocidade ao esquecimento. Sustentai, sustentemos a liberdade e a Rainha, dadivas do Heroe, mas façamos todos os sacrificios que forem justos, a Patria reclama. Reparai, eu vo-lo supplico pelos despojos de Pedro, que das nossas contendidas só lucrará o crime, e da lucta desvairada entre os homens livres só tira proveito o traidor, o despota e a raça escrava. Fortes e prudentes unamo-nos todos. O homem immoral é tão escravo como o que vende a um senhor sangue, consciencia e liberdade. Ah! Vós sereis livres, soubesteis sê-lo, arrostando a morte, vós o sereis em defeza do Throno Constitucional, que Pedro ergueu.

Não duvide, Senhora, V. M. F., os Portuguezes farão seu dever, não serão enganados, os nossos interesses são os de V. M., e pelos esforços reciprocos do Throno e do Povo durará com gloria ao travez dos seculos com o Excelso Nome do Heroe Portuguez o Magestoso Edeficio pelo Heroe fabricado.

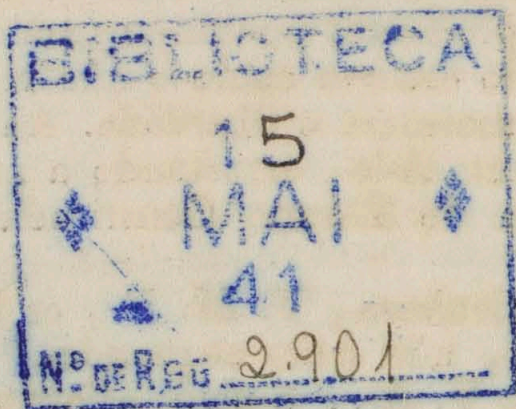
E vós, Eminentissimo Prelado, descei desse Throno elevado, a que vos chamaram vosso saber e virtudes. Ide, Pontifice Sagrado, ao logar religioso, onde repousam em paz e no silencio da morte as cinzas preciosas do Pae dos Portuguezes. Diante daquelles sirios sepulchraes, daquelle lume vivo, que representa Jesus Christo, luz verdadeira, que alumia

nas trevas, lançai sobre as brazas vivas as preciosas resinas, que destruidas pela acção do fogo, façam subir do Thuribulo de ouro, por vós movido, em nuvens de fumo, as preces da consternada Rainha, do afflicto Povo, e da Igreja Lusitana, e com ellas as vossas súplicas, para que o Deus de Affonso Henrique receba a alma de PEDRO no seio da Gloria. Estendei, Venerando Pontifice, vossa Mão Sagrada sobre as Augustas Cinzas, e absolvendo-as em Nome do Deus tres vezes Santo, o Deus das Misericordias conceda eterno descanso ao Amigo dos homens, e sua Alma Bemdita,

Requiescat in pace.

F I M.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



24
N8





84